

Futebol, sociedade e identidade: olhares cruzados entre a França e o Brasil

Miriam Grossi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil¹

INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaria de agradecer e parabenizar os colegas Fábio Pinto e Igor Martinache pela organização deste colóquio internacional. Sabemos o quanto a organização de um colóquio constitui uma tarefa difícil² e, no caso deste colóquio, por ser um colóquio franco-brasileiro, o esforço é ainda maior, pois envolve um verdadeiro trabalho de tradução, não apenas linguística, mas principalmente cultural.

Não sei se os colegas franceses aqui presentes sabem o que representa o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do Futebol (INCT Futebol). Ter um projeto de INCT contemplado no âmbito do principal edital de financiamento de projetos de pesquisa do CNPq,

1 Agradeço o convite do INCT Futebol/CNPq e o apoio do CNPq (por meio do INCT e da bolsa PQ), que possibilitaram minha participação no Colóquio.

2 Mantive neste texto o tom oral dos comentários que fiz em francês por ocasião do encerramento do Colóquio. A versão em português é um pouco diferente da francesa porque não é uma tradução *ipsis literis* da comunicação feita mais espontaneamente em francês no final do Colóquio.

órgão equivalente ao CNRS ou à ANR na França, é um enorme prestígio porque é um edital altamente competitivo da ciência brasileira. Felicito os colegas brasileiros que idealizaram este projeto e que nele se encontram ativamente engajados. Cabe ainda salientar que a coordenação do instituto é exercida por uma mulher, Carmen Rial, o que, infelizmente é ainda bastante incomum nos espaços de liderança científica, tanto no Brasil quanto na França. Embora as mulheres sejam numerosas em diferentes campos científicos, raramente recebem o devido reconhecimento por sua expertise e têm acesso limitado aos postos de liderança. A criação deste Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia dedicado ao futebol constitui, portanto, um marco tanto para as pesquisas sobre futebol quanto para o reconhecimento das mulheres na ciência brasileira.

Em segundo lugar, é fundamental sublinhar que o futebol — como bem recordou Bela Feldman-Bianco —, embora onipresente na sociedade brasileira, foi raramente reconhecido como objeto legítimo de investigação científica até recentemente. O fato de estarmos aqui reunidos para dialogar sobre futebol mostra um significativo reconhecimento institucional no Brasil. Este colóquio insere-se no conjunto de diversos eventos internacionais organizados pelo INCT Futebol e ilustra de maneira exemplar o que afirmou nossa embaixadora, Vera Cíntia Alvarez, em sua intervenção: o futebol constitui uma expressão central da identidade brasileira e desempenha um papel crucial em nossa diplomacia.

Neste espaço, contudo, o futebol é apresentado não apenas como prática esportiva de alcance mundial, mas igualmente, e sobretudo,

como objeto de pesquisa no campo da produção científica brasileira. Passamos, assim, a uma outra dimensão da ação diplomática do Brasil: a diplomacia intelectual. O que foi apresentado neste colóquio é testemunho da contribuição substantiva da ciência brasileira para a compreensão de um fenômeno social e econômico global de primeira ordem.

Sintetizo, a seguir, as principais problemáticas abordadas ao longo do colóquio, adotando uma perspectiva comparativa sobre as pesquisas dedicadas ao futebol no Brasil e na França. Inicialmente, delinearei uma cartografia do campo dos estudos sobre o futebol, considerando as gerações e instituições dos(as) pesquisadores(as) envolvidos(as), bem como as disciplinas, os referenciais teóricos e as metodologias mobilizadas. Em seguida, examinarei algumas temáticas transversais que emergiram das discussões como: as trajetórias e identidades de jogadores e jogadoras, as relações de gênero, as configurações familiares (casais e parentalidade), bem como as dimensões culturais, políticas e as formas de violência associadas a este universo.

GERAÇÕES E INSTITUIÇÕES

Desejo, primeiramente, destacar que o Brasil está representado no colóquio por diversas gerações de pesquisadores(as). Encontramos aqui a geração pioneira, composta por José Sergio Leite Lopes e Ruben Oliven, que iniciaram os estudos sobre o futebol ainda na década de 1980, bem como a geração dos “mais ou menos jovens” — como Carmen Rial, Bernardo Buarque de Hollanda, Arlei Damo e Fábio Pinto — que passaram a investir neste campo a partir da década

da de 1990. Soma-se a essas duas, a nova geração, representada por participantes que estão aqui na plateia, como Pedro e Renata, estudantes brasileiros atualmente em formação na França. Essas três gerações expressam diferentes momentos de reflexão, sustentados por questionamentos teóricos que representam as principais questões de cada momento histórico ao longo dos últimos quarenta anos.

No que diz respeito mais especificamente à França, aprendi, por meio deste colóquio, que os trabalhos sociológicos e históricos sobre o futebol são nitidamente mais recentes do que aqueles conduzidos no Brasil. Eles emergem principalmente no final da década de 1990, por ocasião da Copa do Mundo ocorrida na França, em 1998, mas só conheceram um desenvolvimento mais robusto ao longo da última década.

No tocante às instituições, foi-nos apresentada uma cartografia que evidencia a amplitude do campo de pesquisa sobre o futebol no Brasil. Apesar da grande extensão territorial do país, constatou-se que pesquisas sobre o tema são desenvolvidas em todas as regiões e na maioria das universidades brasileiras. Em comparação, na França, o assunto parece estar muito mais circunscrito a poucos estabelecimentos, como a Universidade Paris-Nanterre, a Universidade Lyon 2, a Universidade de Pau e a École Normale Supérieure de Lyon. À luz dos dados apresentados, observa-se que o futebol, enquanto objeto de pesquisa científica e de debate acadêmico, possui no Brasil uma difusão e um enraizamento institucional significativamente mais amplos do que na França.

Ao comparar as disciplinas envolvidas no estudo do futebol, observa-se que, no caso brasileiro, são principalmente as ciências humanas — em particular a antropologia e a história — que se interessaram pelo lugar do futebol na sociedade. Já na França, essa temática é tratada mais frequentemente no âmbito dos STAPS (*Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives*), área que no Brasil se denomina “Educação Física”. O que me chamou particularmente a atenção, ao ouvir os colegas franceses, foi a forma como se posicionam no interior do próprio campo dos STAPS: como pesquisadores que introduzem contribuições teóricas da sociologia e da história do esporte em um domínio historicamente marcado pela prática.

O que sobressai com força, de ambos os lados do Atlântico, é que o futebol constitui um campo de pesquisa profundamente interdisciplinar. É precisamente por meio da contribuição cruzada de diversas disciplinas que ele consegue se impor como um domínio de investigação científica plenamente constituído.

No plano teórico e metodológico, a obra de Bourdieu revela-se uma fonte de inspiração comum e estruturante tanto para pesquisadores brasileiros quanto franceses. As conferências de abertura, com José Sérgio Leite Lopes, e de encerramento, com Stéphane Beaud, oferecem os exemplos mais eloquentes. Ambos se inscrevem em um quadro teórico baseado na análise do “campo social” do futebol, mobilizando conceitos como campo, carreira, vocação e *habitus*.

Uma das propostas do colóquio era oferecer um panorama das pesquisas realizadas em ambos os lados do Atlântico sobre diferentes

temáticas ligadas ao futebol. Contudo, foi uma pena as apresentações tenham dedicado relativamente pouco espaço à apresentação de dados etnográficos concretos, bem como maior explicitação das abordagens metodológicas, qualitativas ou quantitativas. Do ponto de vista metodológico, chama a atenção o fato de que muitos pesquisadores presentes recorreram ao uso de arquivos em seus trabalhos. Mas não se trata unicamente de arquivos institucionais, como os dos clubes ou das federações esportivas. Uma acepção mais ampla foi mobilizada, incluindo arquivos midiáticos, judiciais e outros.

Em alguns momentos, as categorias “torcedores”, “treinadores”, “mídia” ou “público” foram utilizadas sem clara definição de seus significados em cada contexto nacional. Essas categorias são idênticas na França e no Brasil? Algumas intervenções, todavia, evidenciaram a existência de sutilezas próprias aos diferentes tipos de jogadores e jogadoras de futebol nos dois países.

TEMÁTICAS ABORDADAS

Ao longo do colóquio, uma dúzia de temáticas atravessou as diferentes intervenções. Listo, a seguir, alguns dos pontos que me pareceram mais relevantes no conjunto das comunicações.

TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES

Um tema recorrente durante o colóquio foi o das trajetórias dos jogadores, seus percursos e a vocação para se tornar futebolista.

Foram evocadas as trajetórias de jogadores brasileiros oriundos das favelas, em comparação com a de Zidane, originário de um subúrbio de Marselha, destacando as diferenças e similitudes associadas à classe social. No entanto, não é possível pensar essas questões unicamente em termos de classe. É fundamental adotar uma abordagem interseccional. É necessário situar essas problemáticas no contexto pós-colonial dos séculos XX e XXI, uma vez que as questões raciais são centrais no mundo contemporâneo, estando no cerne das relações sociais, políticas e econômicas em escala global. Assim, torna-se impossível compreender as tensões presentes dentro de campo apenas sob a ótica da classe.

É igualmente indispensável levar em consideração as questões de gênero, que foram abordadas em uma das mesas-redondas, que poderiam ter sido tratadas de forma mais aprofundada, na medida em que essas questões se encontram no cerne da vida social e, evidentemente, também do universo do futebol. Ao longo do colóquio, abordaram-se também questões relativas a valores de gênero, como a honra e a masculinidade. Esta última foi amplamente discutida, sobretudo quando se manifesta por meio da violência.

Dado que as problemáticas de gênero são inegavelmente centrais no campo futebolístico, seria relevante aprofundar sua análise, articulando-as com as dimensões de classe, raça, geração etc. Qual é a idade dos atores do campo social do futebol? Como eles se reconhecem enquanto mulheres/homens, brancos/negros, jovens/idosos, heterossexuais/homossexuais? De que lugar se posicionam ao atuar nesse campo?

Mas, na realidade, que imagens se deseja transmitir das mulheres jogadoras de futebol? Elas devem ser belas, desejáveis para um público heterossexual, isentas de quaisquer traços de masculinidades ou lesbianidades? Observamos representações recentes de jogadoras brasileiras, sobretudo de novas gerações, que exibem abertamente sua orientação sexual, casando-se e compartilhando imagens em casal, com suas companheiras, filhos e cenas da vida familiar cotidiana. Como essas representações de famílias homoparentais são percebidas? Que influência tais imagens exercem no mundo heterocentrado do futebol?

FAMÍLIA, CASAIS E FILHOS

Gostei muito das questões sobre a família dos jogadores de futebol, em especial sobre a forma como se organizam com suas esposas e filhos em uma carreira que exige que a família os acompanhe em suas frequentes transferências de um clube a outro. Costuma-se esquecer que esses homens, jogadores de futebol, têm famílias e que, no mundo do futebol, ser casado, ter uma família, ter filhos constitui também um valor importante para os clubes. Um jogador com família é percebido como um atleta disciplinado, que jogará bem, levará uma vida ordenada, evitará o álcool e as saídas noturnas com amigos e saberá administrar seus rendimentos de maneira responsável.

Ficamos com vontade de conhecer mais a situação de suas esposas: são elas, em 2024, mulheres sem carreira profissional nem formação acadêmica, que aceitam seguir os maridos? Por quanto tem-

po? Em quais condições econômicas e sociais? O que significa ser “esposa de jogador” para elas? Trata-se de uma forma de estabilidade econômica? De reconhecimento social? E por que essa situação é tão diferente para as mulheres jogadoras de futebol, que frequentemente estão em casais homoafetivos com colegas jogadoras?

Parece-me necessário considerar esses casais como casais de carreiras duplas, na medida em que “ser esposa de jogador” também parece constituir, de certo modo, uma forma de carreira profissional no mundo do futebol — com outros papéis, outras lógicas e outras exigências. Ao trabalhar sobre a questão das carreiras duplas em nosso próprio campo intelectual, pude constatar que as carreiras de antropólogos e sociólogos do início do século XX se baseavam frequentemente em colaborações das mulheres com seus parceiros homens colaborações estas que, na maior parte das vezes, não foram reconhecidas como tal. Descobre-se, por exemplo, que por trás do nome de Claude Lévi-Strauss como autor de *Tristes Trópicos*, havia o trabalho de Dina Dreyfus, sua companheira, que realizou pesquisas ao seu lado no Brasil. Proponho que as análises já realizadas nos campos científico e artístico sejam igualmente aplicadas ao universo do esporte, a fim de compreender melhor as dinâmicas conjugais e profissionais que o atravessam.

Neste sentido vale pensar também nos filhos dos jogadores e nas trajetórias que despertam o interesse do grande público. O caso dos filhos homens que, por sua vez, tornam-se jogadores profissionais é bem conhecido. No entanto, sabe-se muito menos sobre o destino das filhas. Por exemplo, a imprensa noticiou amplamente a história

da filha transgênero de um jogador muito famoso, que hoje constrói uma carreira internacional como modelo, com o apoio declarado de seu pai. Mais recentemente, uma jovem atriz de uma telenovela brasileira emergiu no cenário midiático: reconhecida enquanto filha de um ex-jogador que atuou no Japão. Esses exemplos evidenciam a forma como os filhos de jogadores internacionais também podem construir trajetórias públicas, particularmente no campo artístico. Como se estruturam esses percursos? Que aprendizagens esses filhos extraem de suas experiências de vida no exterior, de sua escolarização em instituições internacionais? Que capitais culturais e relacionais mobilizam na construção de sua própria carreira?

CULTURA

Foram mencionados alguns filmes sobre futebol e alguns livros como o de Boris Fausto (2017). Falou-se também — ainda que brevemente — sobre a presença do futebol em novelas e séries em plataformas como a Netflix, que cativam milhões de telespectadores. Essas produções ocupam talvez, no Brasil, um lugar comparável ao da literatura na França. Sem dúvida, o cinema, a televisão e a literatura constituem domínios ricos a explorar para compreender melhor como o futebol se integra à nossa vida cotidiana através de nossas práticas de consumo cultural.

Poderíamos, igualmente, ter aprofundado mais a análise da dimensão que o futebol ocupa no campo cultural, no cinema, no teatro, na literatura ou na música. O teatro, por exemplo, constitui uma

manifestação cultural importante na França. Recordo-me de que, em 2024, no Festival de Avignon, uma peça abordava o futebol. Mas seria possível afirmar que o futebol é realmente um tema para o teatro francês? Como ele se insere nas outras formas artísticas? Do mesmo modo, no Brasil — como aprendi nas aulas do professor Ruben Oliven quando fiz a graduação na UFRGS —, provavelmente a música, seja oriunda da Música Popular Brasileira (MPB) ou de correntes contemporâneas como o hip-hop, é a expressão cultural mais significativa da cultura brasileira. Seria importante aprofundar mais os estudos sobre a maneira como o futebol atravessa e inspira a música popular brasileira e sobre como ele é nela representado, celebrado ou criticado.

POLÍTICA E VIOLÊNCIA

A relação do futebol com a política foi bastante discutida, sobretudo em torno de questões de diplomacia internacional, especialmente por ocasião das Copas do Mundo, masculina e feminina. Esses grandes eventos constituíram momentos decisivos, propícios a mudanças nas políticas públicas, a investimentos adicionais, à concessão de créditos de pesquisa e à produção ou solicitação de publicações científicas. É como se, em determinado momento, a sociedade se desse conta: “Ah, existe algo que não conhecemos...”, e passasse a recorrer às ciências humanas para refletir sobre fenômenos que parecem evidentes — ou, como se diz em português, “estavam caindo de maduro”. Descobre-se então que antropólogos, historiadores, entre outros, podem oferecer explicações ou análises densas sobre

fenômenos do cotidiano, extrapolando o senso comum. É também nesse momento que a grande imprensa recorre a especialistas e pesquisadores.

Esse recurso à expertise científica sobre futebol tem ocorrido frequentemente em contextos de crise institucional — como nas denúncias públicas de agressões sexuais envolvendo jogadores de futebol —, quando os grandes meios de comunicação solicitam a contribuição de pesquisadoras e pesquisadores do campo. Nesse sentido, cabe mencionar a demanda endereçada a Carmen Rial e a esta autora por diversos órgãos de imprensa por ocasião da prisão do jogador brasileiro Daniel Alves na Espanha. Tal solicitação decorreu de um artigo que publicamos em 1987, sobre um caso de estupro coletivo de uma jovem adolescente de 13 anos cometido por jogadores do Grêmio, clube do sul do Brasil, durante um torneio na Suíça. Amplamente silenciado à época, a abordagem desse crime só foi retomada recentemente. Essa mudança de atitude em relação à violência sexual — que outrora podia ser considerada, ou mesmo tolerada, como uma forma de comportamento “normal” em certos círculos masculinos — reflete uma transformação significativa das sensibilidades sociais. Ela nos convida a interrogar o papel do futebol, não apenas como espelho das relações de dominação, mas também como potencial vetor de sua contestação.

A questão da violência no interior do mundo do futebol também foi amplamente abordada neste colóquio. Grande parte das discussões tratou das formas mais visíveis e reconhecidas de violência, particularmente aquelas exercidas por determinados grupos de tor-

cedores de alguns clubes. Um dos trabalhos apresentados destacou atos de violência ocorridos durante os próprios jogos — entre equipes adversárias, mas também em decorrência de intervenções policiais. Todavia, o que mais me chamou atenção foram os relatos de violências dentro das próprias equipes, entre jogadores. Em especial, os testemunhos relativos aos jogadores estrangeiros me tocaram profundamente: seu isolamento, seu sentimento de exclusão e sua dificuldade de integração devido à barreira linguística — sobretudo quando ainda não dominam bem o francês — evidenciam uma forma de violência mais silenciosa, mas não menos destrutiva: a violência simbólica, tão bem desenvolvida conceitualmente por Pierre Bourdieu (1970 e 1997).

Falou-se também da violência racial, do racismo presente no interior do mundo do futebol. Ele está presente em toda parte e se mistura com a xenofobia contra jogadores estrangeiros, sobretudo na França. Ao aprofundar as questões raciais presentes no futebol de forma comparativa, observam-se semelhanças e diferenças. Foi feita referência ao conceito amplamente difundido na França desde a Copa do Mundo de 1998 de “*black, blanc, beur*”, que representaria a integração e a contribuição dos jogadores de origem estrangeira (notadamente das ex-colônias francesas na África do norte e central) à seleção nacional francesa. Penso que esse conceito “*black, blanc, beur*” é equivalente ao que se denomina, no Brasil, a “fábula das três raças”, uma narrativa que ouvimos desde crianças na escola e que é frequentemente retomada nos discursos políticos sobre a identidade nacional brasileira. Aprende-se que: “o Brasil é um país pacífico e

mestiço, constituído pela mistura harmoniosa de três raças: os brancos (europeus colonizadores), os negros (africanos escravizados) e os indígenas (povos originários dizimados)”. Essa narrativa, analisada pelo antropólogo Roberto Da Matta (1981), constitui o “mito da democracia racial” e do mestiçagem “cordial” no Brasil, um discurso ideológico que justamente oculta a violência contra as pessoas não-brancas na sociedade brasileira contemporânea.

CONCLUSÕES

Concluo ressaltando o quanto aprendi ao longo deste colóquio. Apresentei nesta intervenção algumas pistas de reflexão e algumas provocações para alimentar a continuidade do diálogo franco-brasileiro em torno deste fenômeno social total que é o futebol. Estou convencida de que se trata de um campo de pesquisa ao mesmo tempo rico e fascinante, e espero sinceramente que essa colaboração multilateral prossiga com a mesma vitalidade intelectual, a mesma generosidade e o mesmo entusiasmo que pudemos observar durante estes dias de trabalho aqui em Paris.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. 1970. *La Reproduction*. Paris: Éditions de Minuit.

BOURDIEU, Pierre. 1997. «Violence symbolique et luttes politiques.» In *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, Liber.

DAMATTA, Roberto. 1981. “Digressão: A Fábula das Três Raças ou o Problema do Racismo à Brasileira.” In *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*, 58–85. Petrópolis: Vozes.

FAUSTO, Boris. 2017. *O Crime do Restaurante Chinês*. São Paulo: Companhia das Letras.

GROSSI, Miriam e Carmen Rial. 1987. “Os estupradores que viraram heróis.” *Jornal Mulherio*.

OLIVEN, Ruben. 2010. “A malandragem na Música Popular Brasileira.” In *Violência e Cultura no Brasil*. Ed. Books Scielo.